

O DIA DA CAÇA



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

JAMES PATTERSON

**O DIA
DA CAÇA₃**



Para Jill e Avie Glazer

PRÓLOGO

INVASÃO DE DOMICÍLIO

Um

GEORGETOWN, WASHINGTON, D.C.

O nome da família era Cox. Embora o pai fosse um advogado criminalista de grande sucesso, o alvo era a mãe, Ellie Randall Cox. O momento estava chegando, seria dentro de poucos minutos. O pagamento era excelente, não poderia ser melhor.

O assassino de quase 2 metros de altura e 110 quilos conhecido como Tiger havia providenciado armas para sua equipe, além de 1 grama de cocaína para que dividissem. Esta noite, eles só precisavam de uma única instrução: *A mãe é minha. Matem os outros.*

O objetivo secundário de sua missão era assustar aqueles americanos intrometidos. Sabia como eles eram sensíveis quando o assunto era invasão de domicílio, suas preciosas famílias ou assassinatos a sangue-frio. Tinham tantas normas sobre como se devia viver. O segredo para derrotá-los era quebrar todas as suas regras estúpidas e sagradas.

Ele se agachou na rua para observar a casa. Alheios às forças homicidas reunidas do lado de fora, os membros da família se moviam lá dentro, com as persianas de madeira das janelas do primeiro piso projetando linhas horizontais sobre eles.

Os rapazes esperavam ansiosos ao lado de Tiger, enquanto ele aguardava que o *instinto* lhe dissesse que era hora de invadir.

– Agora! – falou. – Vamos!

Então, flexionando minimamente os joelhos, começou a correr, saindo da sombra da sempre-viva que o escondia, seus passos tão velozes que era quase impossível contá-los.

Com um único e vigoroso salto, ele aterrissou no último degrau da entrada. Em seguida, desferiu três golpes violentos contra a porta, que se abriu como se tivesse explodido. Então eles entraram, o bando de assassinos, todos os cinco.

Os rapazes, nenhum deles com mais de 17 anos, passaram correndo à sua volta, disparando pistolas Beretta contra o teto da sala de estar, brandindo facas de caça, gritando ordens difíceis de entender, pois não tinham um inglês tão bom quanto o de Tiger.

As crianças da casa gritaram como leitões. O pai delas, o advogado, se levantou com um salto e tentou protegê-las com seu corpo flácido, superalimentado.

– Você é patético! – gritou Tiger para ele. – Não consegue nem proteger sua família em sua própria casa.

Num instante, três membros da família foram encurralados contra o console da lareira da sala, que estava coberto de cartões de aniversário endereçados a “Mãe”, “Minha querida Ellie” e “Meu doce, minha luz”.

Tiger cutucou um dos rapazes mais jovens com o cotovelo, empurrando-o para a frente. Seu codinome era Nike e ele tinha um senso de humor contagiante.

– *Just do it* – falou Tiger, fazendo um trocadilho com o slogan da marca de artigos esportivos. – Vá em frente!

O garoto tinha 11 anos e era tão destemido quanto um crocodilo em um rio lamacento. Ergueu uma pistola muito maior que sua mão e disparou contra a testa do pai trêmulo.

Os outros rapazes soltaram gritos de aprovação, atirando em todas as direções, derrubando móveis antigos, quebrando espelhos e janelas. As crianças da família Cox choravam e se abraçavam.

Um garoto especialmente assustador, com a expressão vazia e uma camisa do time de basquete Houston Rockets, esvaziou o pente da sua arma na TV *widescreen*, recarregando-a em seguida.

– Vamos detonar! – gritou.

Dois

A MÃE, A “QUERIDA ELLIE”, “MEU doce, minha luz”, finalmente desceu as escadas correndo, gritando por seus filhos.

– Deixe as crianças fora disso! – gritou para o líder alto e musculoso. – Sei quem você é!

– É claro que sabe, mãe – disse Tiger enquanto sorria para a mulher alta, maternal.

Na verdade, não queria machucá-la. Aquilo era apenas um trabalho. Muito bem pago, *importante para alguém de Washington*.

As duas crianças saíram correndo na direção da mãe e a coisa se tornou um absurdo jogo de gato e rato. Os rapazes de Tiger enchiam o sofá de furos enquanto os jovens americanos se escondiam atrás dele aos gritos.

Quando os dois saíram do outro lado, Tiger estava ali para suspender o menino do chão com uma só mão. A menina, com pijama dos Anjinhos, era um pouco mais esperta e subiu correndo as escadas, exibindo seus calcanhares pequenos e rosados a cada degrau.

– Vá, filha! – gritou a mãe. – Saia por uma janela! Corra! Não pare!

– Nem pensar – falou Tiger. – Ninguém vai sair daqui esta noite, mamãe.
– Não faça isso! – implorou ela. – Deixe-os em paz! São só crianças!
– Você sabe quem eu sou – disse ele. – Então sabe como isso vai terminar.
Sempre soube. Veja só o que arranjou para você e para sua família. Foi você quem fez isso com eles.

PARTE UM

ATRASADO PARA A FESTA

capítulo 1

OS MISTÉRIOS MAIS DIFÍCEIS DE solucionar são aqueles que você vê que estão perto do fim, pois já não há evidências suficientes nem muito mais a desvendar. A menos que você possa voltar ao início – retroceder e rever tudo.

Em meio ao conforto e à civilidade do meu Mercedes R350, eu pensava em como havia se tornado estranho seguir para o local de um assassinato. Mas lá estava eu, saindo do carro, em conflito por mergulhar novamente no lado sombrio.

Será que estou ficando mole para esse trabalho?, perguntei-me por um instante, mas logo descartei a ideia. Eu ainda era muito duro, isso sim, muito teimoso e intransigente.

Então pensei que havia algo de especialmente aterrorizante naquela matança aleatória e sem sentido. Era isso que ela parecia, ou pelo menos foi o que todos acharam. Foi o que me disseram quando telefonaram para minha casa.

– A coisa está feia lá dentro, Dr. Cross. Cinco vítimas. Uma família inteira.

– É, eu sei. Já me falaram.

Um dos primeiros policiais a atender o chamado, Michael Fescoe, um rapaz que eu conhecia, veio falar comigo na calçada do local do crime, em Georgetown. Estávamos perto da universidade em que eu havia cursado a graduação e da qual eu me lembrava com carinho por vários motivos, mas principalmente porque Georgetown tinha apostado em mim.

O policial estava visivelmente abalado. Não era de espantar. Se fosse um homicídio qualquer, a Polícia Metropolitana não me chamaria com urgência às 11 da noite de domingo.

– O que temos até o momento? – perguntei a Fescoe enquanto mostrava meu distintivo para um policial que parecia estar protegendo um carvalho.

Passamos por baixo da fita amarelo-viva em frente à casa. Era uma linda construção em estilo colonial, com três andares, em Cambridge Place, um quarteirão nobre logo ao sul do Montrose Park.

A calçada estava apinhada de vizinhos e curiosos, vestidos de pijamas e roupões, que se mantinham a uma distância segura, sem perder sua discrição esnobe.

– Família de cinco, todos mortos – repetiu Fescoe. – O sobrenome é Cox. O pai, Reeve. A mãe, Eleanor. O filho, James. Todos no primeiro piso. Duas filhas, Nicole e Clara, no terceiro. Há sangue por todos os lados. Parece que eles foram alvejados primeiro. Depois brutalmente retalhados e empilhados em grupos.

Empilhados. Isso definitivamente não me soava bem. Não em uma casa tão linda. Ou em qualquer outro lugar.

– Algum oficial no local? Quem assumiu o caso? – perguntei.

– A detetive Stone está lá em cima. Foi ela quem me pediu que avisasse o senhor. Os legistas ainda estão a caminho. Devem mandar uns dois. Meu Deus, que noite terrível!

– Tem toda a razão.

Bree Stone era uma das estrelas do Departamento de Crimes Hediondos e uma das poucas detetives que eu fazia questão de ter como parceira – em todos os sentidos, já que estávamos namorando havia mais de um ano.

– Avise à detetive Stone que estou aqui – falei. – Vou começar pelo andar de baixo e depois a encontrarei lá em cima.

– Pode deixar, senhor. Farei isso agora mesmo.

Fescoe me acompanhou enquanto eu subia os degraus de entrada e passava por um perito que trabalhava na porta destruída e na soleira.

– Arrombamento, é claro – disse Fescoe. Ele corou, provavelmente por ter afirmado o óbvio. – Além disso, tem uma claraboia aberta no teto do terceiro andar. Parece que eles saíram por lá.

– Eles?

– Eu diria que sim... considerando o tamanho do estrago, seja lá o que tenha acontecido aí dentro. Nunca vi nada parecido, senhor. Olhe, se precisar de qualquer coisa...

– Eu avisarei. Obrigado. Prefiro fazer isso sozinho. Assim me concentro melhor.

Minha reputação atraía policiais entusiasmados pelos casos grandes, o que podia ter suas vantagens. Mas, naquele momento, eu queria assimilar a cena sozinho. Pela expressão sombria e pelo olhar vidrado no rosto de todos os peritos que eu tinha visto voltar dos fundos da casa, sabia que a coisa logo ficaria pior.

Mas eu não imaginava o que estava à minha espera. O assassinato daquela família era muito pior do que eu havia pensado.

Muito, muito pior.

capítulo 2

ELAS QUERIAM ASSUSTAR ALGUÉM, PENSEI enquanto entrava numa antessala bem iluminada e decorada com esmero. *Mas quem? Não essas pessoas mortas. Não essa pobre família massacrada só Deus sabe por quê.*

O primeiro piso contava uma história macabra, que desenhava os contornos da matança. Quase todos os móveis das salas de estar e de jantar tinham sido virados ou destruídos – ou as duas coisas. Havia alguns buracos enormes nas paredes e dezenas de outros menores. Um candelabro de vidro antigo estava estilhaçado no chão, os cacos espalhados sobre um tapete oriental colorido.

A cena do crime não fazia sentido e, para piorar, não encontrava precedentes em nada de minha experiência como detetive de homicídios.

Um sofá Chesterfield crivado de balas tinha sido empurrado contra a parede para abrir espaço diante da lareira, onde os primeiros três corpos foram *empilhados*.

Embora eu possa garantir que já vi coisas tenebrosas em serviço, aquela cena, a monstrosidade dela, me congelou.

Conforme eles disseram, as vítimas empilhadas eram o pai, a mãe e, por cima, o filho, todos com o rosto virado para cima. Havia rastros e manchas de sangue nas paredes mais próximas, nos móveis e no teto. Uma poça se formara ao redor dos corpos. Aqueles pobres coitados haviam sido atacados com algum tipo de arma cortante afiada. Os corpos estavam mutilados.

– Meu Deus, meu Deus... – murmurei.

Era uma oração, uma prece contra os assassinos ou, mais provavelmente, as duas coisas.

Um dos peritos em impressões digitais respondeu baixinho:

– Amém.

Mas nenhum de nós dois estava olhando para o outro. Aquele era o tipo de cena de homicídio que você precisava encarar na raça, tentando sair da casa com uma parcela ínfima da sua sanidade intacta.

A disposição do sangue pela sala sugeria que os membros da família tinham sido atacados separadamente, depois agrupados no meio.

Eu estava de acordo com Fescoc sobre haver mais de um assassino. Alguma coisa tinha estimulado a fúria selvagem deles para que fizessem aquilo. Mas o que exatamente acontecera? Qual era a causa do massacre? Drogas? Ritual? Psicose?

Psicose coletiva?

Arquivei os pensamentos aleatórios para consultá-los em outra hora. *Primeiro os métodos, depois o motivo.*

Circulei lentamente os corpos mutilados, desviando das poças de sangue, procurando pisar nas partes secas do assoalho sempre que possível. As incisões não pareciam seguir nenhum padrão e, pensando bem, os assassinatos também não.

A garganta do garoto estava cortada. O pai tinha um buraco de bala na testa. E a cabeça da mãe estava virada num ângulo estranho, como se o pescoço tivesse sido quebrado.

Dei a volta completa para ver o rosto da mãe. O ângulo era tão bizarro que ela parecia estar com os olhos erguidos para mim, com uma expressão quase esperançosa, como se eu ainda pudesse salvá-la.

Inclinei-me para analisá-la mais de perto e de repente fiquei tonto. Minhas pernas fraquejaram. Eu não podia acreditar no que estava vendo.

Oh, não! Oh, meu Deus, não!

Recuando às cegas, apoiei o pé numa parte escorregadia e caí. Estendi o braço para amortecer a queda e minha mão enluvada pintou o chão de vermelho escuro.

O sangue de Ellie Randall. Não Cox... Randall!

Eu a conhecia...

Muito tempo antes, Ellie havia sido minha namorada, quando estudávamos em Georgetown. Ela deve ter sido meu primeiro amor.

E agora tinha sido assassinada junto com sua família.

capítulo 3

UM DOS PERITOS EM IMPRESSÕES digitais veio me ajudar, mas me levantei depressa, pensando se não estaria em choque por causa de Ellie.

– Estou bem. Não me machuquei. Qual era mesmo o sobrenome da família? – perguntei.

– Cox, senhor. Reeve, Eleanor e James são as vítimas na sala de estar.

Eleanor Cox. Isso; agora eu me lembrava. Olhei para Ellie com o coração disparado, fora de controle, lágrimas se formando nos cantos dos olhos. Ela se chamava Ellie Randall quando a conheci, uma inteligente e charmosa estudante de história passando um abaixo-assinado contra o apartheid entre os alunos da Universidade de Georgetown. Definitivamente não era uma pessoa que teria esse destino.

– Precisa de alguma coisa? – Fescoc estava de volta, andando de um lado para outro.

– Só... me traga um saco de lixo ou algo parecido – pedi. – Por favor. Obrigado.

Tirei meu sobretudo e tentei me limpar com ele, em seguida o enfiei no saco que Fescoc trouxe para mim. Precisava me manter em ação e sair daquela sala, pelo menos naquele momento.

Fui em direção à escada e encontrei Bree descendo.

– Alex? Nossa, o que houve com você? – perguntou ela.

Sabia que, se começasse a explicar, não conseguiria chegar ao fim.

– Depois a gente conversa, o.k.? – pedi. – Como estão as coisas lá em cima?

Ela me lançou um olhar esquisito, mas não insistiu.

– Mais do mesmo. Um horror, Alex. Terceiro andar. Mais duas crianças. Acho que elas estavam tentando se esconder dos assassinos, mas não adiantou.

Enquanto subíamos, o flash de uma máquina fotográfica encheu o vão da escada com uma luz fantasmagórica. Tudo aquilo me parecia irreal, uma alucinação. Era como se eu estivesse de fora, observando a mim mesmo cambalear pela cena. *Ellie foi assassinada*. Tentei novamente, mas não conseguia assimilar a ideia.

– Não há sangue nas escadas nem no corredor – comentei, tentando me concentrar nas evidências, tentando fazer meu trabalho.

Estava muito frio ali, por causa da claraboia aberta. Era dia 3 de novembro e, segundo a previsão, a temperatura baixaria para apenas um dígito da noite para o dia. Até o clima tinha ficado um pouco louco.

– Alex?

Bree estava esperando adiante, parada no vão da porta de um quarto. Ela não se mexeu enquanto eu me aproximava.

– Tem certeza que está bem para ficar aqui? – perguntou ela, falando baixo para que os outros não ouvissem.

Assenti e olhei para dentro do cômodo.

Atrás de Bree, os corpos das duas meninas estavam cruzados em cima de um tapete de retalhos oval. Uma cama com dossel branco estava aos pedaços, arriada, como se alguém tivesse pulado com força demais em cima dela.

– Não se preocupe – falei. – Preciso ver o que aconteceu aqui. Preciso começar a entender o que significa tudo isto. *Como, por exemplo, quem esteve pulando naquela cama.*

capítulo 4

MAS EU NEM SEQUER COMECEI a entender o assassinato brutal dos cinco membros daquela família. Pelo menos não naquela noite. Estava tão confuso quanto qualquer outra pessoa no que se referia à possível motivação dos criminosos.

Cerca de uma hora depois de eu chegar à cena do crime, aconteceu uma coisa que tornou o mistério ainda maior: dois agentes da CIA apareceram. Deram uma olhada na cena e foram embora. *O que a CIA estava fazendo ali?*

Passava um pouco das três e meia da manhã quando Bree e eu finalmente chegamos de volta à Rua 5. No silêncio da minha casa, eu conseguia ouvir o ressonar infantil de Ali no andar de cima. Sem dúvida era um som tranquilizador e reconfortante.

Nana Mama tinha deixado a luz de cima do fogão acesa e embrulhado um prato em filme de PVC com quatro biscoitos que haviam restado da sobremesa. Nós os levamos para o segundo andar, junto com duas taças e meia garrafa de vinho.

Duas horas depois, eu ainda estava acordado e perturbado. Bree se sentou na cama e acendeu a luz. Eu estava sentado na beira do colchão. Pude sentir o calor do seu corpo contra as minhas costas, seu hálito no meu pescoço.

– Não está conseguindo dormir? – perguntou.

Não era isso que ela realmente queria saber.

– Eu conhecia a mãe, Bree. Estudamos juntos na Georgetown. Isso não poderia ter acontecido com ela. Não deveria.

Ela respirou fundo ao ouvir minha revelação.

– Sinto muito, Alex. Por que não me falou?

Dei de ombros e suspirei.

– Não sei nem se consigo falar sobre isso agora – confessei.

Ela me abraçou.

– Não tem problema. Não precisa falar. Só se quiser, Alex. Estou aqui.

– Nós éramos melhores amigos, Bree. Chegamos a namorar durante um ano. Sei que faz muito tempo, mas... – Deixei a frase pela metade. Mas *o quê?* Mas... também não foi nenhum namorico infantil. – Fui apaixonado por ela, Bree. Estou arrasado.

– Quer sair do caso?

– Não.

Eu já havia feito a mim mesmo essa pergunta e respondido com a mesma rapidez.

– Posso pedir para Sampson ou alguém do Departamento de Crimes Hediondos ficar no seu lugar. Vamos manter você atualizado a cada segundo...

– Não posso desistir, Bree, não desta vez.

– Desta vez? – Sua mão subiu e desceu pelo meu braço, numa carícia. – Em comparação... a quê, Alex?

Respirei fundo. Sabia aonde Bree queria chegar com essa pergunta.

– Não tem nada a ver com Maria, se é disso que você está falando.

Maria, minha esposa, tinha sido baleada quando nossos filhos eram pequenos. Fazia pouco tempo que eu havia solucionado o caso. Até conseguir isso, passei por anos de tortura e culpa. Mas Maria tinha sido minha esposa, o amor da minha vida na época. Ellie era diferente. Eu não estava confundindo as duas. Pelo menos achava que não.

– O.k. – disse Bree, afagando minhas costas para me tranquilizar. – O que eu posso fazer?

Entrei com ela debaixo das cobertas.

– Só fique deitada aqui comigo – respondi. – É a única coisa de que preciso agora.

– Seu desejo é uma ordem.

Em pouco tempo, adormeci nos braços dela... por duas horas inteiras.

capítulo 5

– **EU ESTOU VENDO... UM JORNAL** cor-de-rosa – disse Bree.

– Achei! – Ali o encontrou na mesma hora. – É rosa *mesmo*. Que raio de jornal é esse?

Para surpresa e felicidade de minha família, não saí para o trabalho num horário indecente na manhã seguinte ao assassinato de Ellie, seu marido e seus filhos. Eu havia acordado com vontade de levar as crianças a pé para a escola. Na verdade, tinha vontade de fazer isso quase todos os dias, mas às vezes não podia e às vezes simplesmente não as levava. Mas, dessa vez, precisava de muito ar fresco. E de sorrisos. E das risadinhas de Ali.

Jannie estava cursando o último ano do ensino fundamental na Sojourner Truth, pronta para ingressar no ensino médio, ao passo que Ali apenas começava sua vida escolar. Naquela manhã, eu tinha uma consciência muito forte do “ciclo da vida”; a família de Ellie fora dizimada num piscar de olhos enquanto meus filhos cresciam fortes e saudáveis.

Coloquei no rosto minha melhor expressão de pai alegre e tentei afastar da mente as imagens terríveis da noite anterior.

– Quem é o próximo? – perguntei.

– Eu! – gritou Jannie, dando um sorriso malicioso para Bree e para mim. – Eu estou vendo... duas PSOMJ.

– O que é *psomj*? – quis saber Ali.

Ele já estava olhando de um lado para outro, parecendo um desses bonecos que ficam balançando a cabeça, tentando encontrar as *psomj*, independentemente do que fossem.

Jannie praticamente cantou a resposta:

– P, S, O, M, J. Pessoas de Sexos Opostos que Moram Juntas.

Ela sussurrou a palavra *sexo* na nossa direção, talvez para proteger a inocência do irmão caçula. De qualquer forma, senti que estava ficando um pouco vermelho.

Bree cutucou o ombro de Jannie.

– Posso saber de onde você tirou isso?

– Cherise J. Ela falou que a mãe dela diz que vocês estão... bem... vivendo em pecado.

Troquei um olhar com Bree por cima da cabeça de Jannie. Esperava que isso fosse acontecer mais cedo ou mais tarde. Bree e eu estávamos juntos havia mais de um ano e ela passava bastante tempo na minha casa. Em parte, porque as crianças gostavam de tê-la por perto e, em parte, porque eu também adorava isso.

– Acho que você e Cherise J. precisam encontrar outros assuntos sobre os quais conversar – falei. – Não é?

– Ah, tudo bem, pai. Eu disse a Cherise que a mãe dela precisa deixar isso pra lá. Até Nana Mama já se acostumou e, se você abrir um dicionário, vai ver a foto dela abaixo da palavra “antiquado”, né?

– Como se você soubesse o que um dicionário tem dentro dele – provoqueei.

Mas Bree e eu tínhamos parado de tentar ser politicamente corretos com Jannie, então apenas nos permitimos rir. Minha filha estava naquela fase de “transição”; no meio do caminho entre menina e mulher.

– Qual é a graça? – perguntou Ali. – Me contem. O que foi?

Eu o levantei e o sentei nos meus ombros pelo último meio quarteirão de nossa caminhada até a escola.

– Daqui a mais ou menos cinco anos eu conto.

– Eu já sei mesmo – disse ele. – Você e Bree se amam. Todo mundo sabe disso. Não tem o menor problema. É uma coisa boa.

– É, sim – concordei, virando o rosto e dando um beijo em seu joelho.

Nós o deixamos na entrada lateral da escola, onde sua turma já estava fazendo fila do lado de fora.

– Tchau! Eu te amo – gritou Jannie para ele através da grade.

– Tchau! Eu também.

Desde que Damon, o irmão mais velho deles, fora fazer um curso preparatório em Massachusetts, os dois ficaram cada vez mais unidos. Nas noites de fim

de semana, Ali geralmente dormia ao pé da cama da irmã, num colchão inflável que ele chama de seu “ninho”.

Deixamos Jannie do outro lado do prédio, onde todas as outras crianças mais velhas entravam de modo desorganizado. Ela nos abraçou para se despedir e eu a segurei um pouco mais do que o normal.

– Eu te amo, querida. Você e seus irmãos são a coisa mais especial da minha vida.

Jannie não pôde deixar de olhar à sua volta para garantir que ninguém tinha escutado.

– Eu também, papai – respondeu. Então, sem nem respirar, emendou: – Cherise! Espere!

Assim que Jannie sumiu de vista, Bree enlaçou meu braço.

– O que foi aquilo? – perguntou. – “Você e Bree se amam. Todo mundo sabe disso”?

Dei de ombros e sorri.

– Como é que vou saber? Parece que há um boato correndo por aí.

Eu a beijei.

E, como o primeiro beijo tinha dado tão certo, aproveitei para dar outro.

capítulo 6

ÀS NOVE DA MANHÃ, OS beijos já haviam terminado e eu estava no Edifício Daly, me preparando para entrar numa reunião muito desagradável sobre homicídio múltiplo que acontecia na grande sala de reuniões bem em frente ao meu escritório. Não deixava de ser cômodo. Estariam lá todos os detetives graduados disponíveis, além de um contingente do Segundo Distrito, que abrangia a maior parte de Georgetown.

Eu ainda não conseguia aceitar que Ellie era a vítima. *Uma das vítimas.*

O Departamento de Medicina Legal enviou uma representante, a Dra. Paula Cook, uma investigadora brilhante que tinha a personalidade de um pudim de tapioca. Os cantos da boca da Dra. Cook se contorceram levemente quando nos cumprimentamos com um aperto de mãos. Imaginei que fosse uma tentativa de sorriso, então sorri de volta.

– Obrigado por vir, Paula. Vamos precisar de você neste caso.

– O pior que já vi em 14 anos – disse ela. – Todas aquelas crianças e os pais. É de embrulhar o estômago. Não faz sentido.

Tínhamos apanhado uma pilha de fotos da cena do crime ao entrar e, junto com Paula, comecei a afixar algumas delas na parede da sala de reuniões. Fiz questão de que todas fossem impressas no formato 24 x 30cm. Queria que todos sentissem um pouco do que tinha acontecido na noite anterior em Georgetown, da mesma maneira que eu ainda sentia.

– Este pode ser um incidente isolado – falei alguns minutos depois para o grupo reunido. – Mas prefiro não partir desse princípio. Quanto mais entendermos o que aconteceu, mais bem preparados estaremos caso se repita. E provavelmente não é um incidente isolado.

Imaginei que alguns dos detetives de homicídios mais experientes não fossem concordar comigo e alegassem que eu havia trabalhado em mais casos de assassinos em série do que devia. Mas, àquela altura, eu não me importava nem um pouco com o que eles pensavam.

Durante os primeiros 15 minutos, mais ou menos, repassei os elementos fundamentais do caso para aqueles que não estiveram no local na noite anterior. Em seguida, passei a palavra para Paula. Ela se levantou com um salto e nos explicou as fotos na parede:

– O estilo das incisões indica variações da força aplicada, da habilidade do assassino e das armas utilizadas – disse ela, usando um apontador a laser vermelho para indicar os cortes, as perfurações e as amputações que a família Cox tinha sofrido. – Pelo menos uma delas tinha lâmina serrilhada. Outra era excepcionalmente grande, talvez um facão. Nenhuma das amputações, independentemente do local, foi feita com cortes precisos. Pelo contrário, todas resultaram de golpes repetitivos.

Um detetive chamado Monk Jeffries, sentado na primeira fileira, fez uma excelente pergunta:

– Você acha que eles estavam treinando? Que nunca tinham feito isso antes?

– Não posso afirmar – respondeu Paula –, mas isso não me surpreenderia.

– Tem razão – atalhei. – É como se eles estivessem praticando, Monk. – Eu tinha uma teoria sobre os assassinatos. – Existe algo de muito *juvenil* nessa cena de crime.

– Você quer dizer inexperiente? – perguntou Jeffries.

– Não. Simplesmente *juvenil*. Estou me referindo às mutilações, à cama quebrada, ao vandalismo em geral. E também ao fato de isso provavelmente ter sido feito por um grupo de cinco ou mais pessoas. Um grupo grande de invasores. Quando junto todos esses fatores, as possibilidades são poucas: gangue, ritual, crime organizado. Nessa ordem.

– Gangue? – perguntou outro detetive de 1ª classe que estava sentado nos fundos. – Você já viu uma gangue usar de tanta violência?

– Nunca vi tanta violência, ponto – retruquei.

– Aposto 20 pratas no crime organizado. Alguém topa?

A proposta foi feita por Lou Copeland, um competente e asqueroso detetive de 1ª classe da Divisão de Casos Especiais. Alguns de seus camaradas riram.

Mas eu não. Atirei minha prancheta do outro lado da sala. Ela bateu na parede e caiu no chão. Como isso não era do meu feitio, causou certo impacto.

Todos ficaram em silêncio. Fui pegar minhas anotações e vi Bree e Sampson trocarem olhares de um jeito que não me agradou. Não estavam certos de que eu conseguiria dar conta daquilo.

Bree assumiu dali em diante e começou a delegar tarefas. Precisávamos de gente para reinvestigar as cercanias de Cambridge Place, pressionar o laboratório para obter os resultados depressa e contatar qualquer informante que tivéssemos nas ruas para desencavar algo sobre a noite anterior.

– Precisamos que vocês façam o seu melhor desta vez – disse Bree ao grupo.

– E queremos ter algumas respostas no fim do dia.

– Mas...?

– *Dispensados!*

Todos olharam em volta. Foi Sampson quem falou:

– Se algum de vocês tiver mais perguntas, pode ligar para os celulares de Stone ou de Cross. Enquanto isso, temos muito trabalho de campo a fazer. Este é um caso importante. Então mãos à obra! Vamos cair dentro e com vontade!

capítulo 7

TIGER ERA O MAIS ALTO e mais forte dos 10 negros musculosos que corriam de um lado para outro numa quadra de basquete com piso de cimento desbotado no Carter Park, em Petway. Sabia que não era bom nos dribles nem nos arremessos, mas pegava rebotes como um profissional e defendia a cesta como um leão – e, mais do que tudo, detestava perder. No mundo dele, *se perder, você morre*.

O jogador que ele marcava gostava de ser chamado de “Buckwheat”. E Tiger ouvira falar que o apelido tinha a ver com uma antiga série de TV que às vezes ridicularizava crianças negras.

Buckwheat era rápido na quadra e um lançador confiável. Também gostava de insultar os outros, como a maioria dos jovens jogadores de Washington, D.C.

Tiger aprendera a jogar em Londres, quando estava na universidade, mas não ouvia tantos palavrões na Inglaterra.

– Você canta vitória, mas vai perder – disse Tiger por fim, enquanto ele e seu oponente corriam pela quadra, ombro a ombro.

Buckwheat desviou de um marcador e pegou um passe quicado no canto esquerdo. Em seguida, deu um salto e encestou um arremesso que descreveu um arco perfeito, mesmo depois de Tiger lhe dar um encontrão no momento em que ele lançava a bola.

– Macaco de merda – gritou o adversário enquanto os dois corriam de volta.

– Você acha mesmo?

– Ah, tenho certeza. Em breve você vai ser só um gorilão assistindo do lado de fora.

Tiger riu e não disse mais nada. Ele fez uma cesta depois de pegar um rebote, então o time de Buckwheat atravessou a quadra com a bola a toda a velocidade.

Buckwheat pegou um passe sem parar de correr e enterrou a bola com força no aro. Ele estava um passo à frente de Tiger e gritou “Fim de jogo!” antes mesmo de saltar para a enterrada decisiva.

Estava em pleno ar, gracioso e atlético, quando Tiger o atingiu com toda a força e todo o seu peso. Ele derrubou o homem de 1,90m, lançando-o contra o poste de metal que sustentava a cesta. Buckwheat se estatelou no cimento com sangue escorrendo pelo rosto.

– *Fim de jogo!* – gritou Tiger, erguendo as duas mãos.

Ele adorava jogar basquete. Como era divertido espancar aqueles *afro-americanos* linguarudos que não sabiam absolutamente nada sobre o mundo real.

Do lado de fora da quadra, seus rapazes vibraram como se ele fosse uma mistura de Michael Jordan e Kobe Bryant. Ele sabia que não era nada disso. Não queria ser como Michael ou Kobe. Ele era muito melhor.

Todos os dias, decidia quem iria viver e quem iria morrer.

Quando saiu da quadra, um homem veio falar com ele. Aquele sujeito branco vestindo um terno cinza não poderia estar mais deslocado.

– Ghedi Ahmed – falou o demônio branco. – Sabe quem é?

Tiger assentiu.

– Sei quem ele *era*.

– Faça dele um exemplo.

– A família dele também.

– Claro – concordou o demônio branco. – A família dele também.